

## Resenha

### **Teorias da Comunicação nos estudos de Relações Públicas** (DA SILVA, Sandro Takeshi Munakata, 2011,102p.)

Irley David Fabrício da SILVA<sup>1</sup>

A obra “Teorias da Comunicação nos estudos de Relações Públicas” é um daqueles livros em que você se envolve do começo ao fim. O autor tem a sensibilidade e a lucidez de caminhar levemente pelas teorias de comunicação, problematizando-as com as teorias de Relações Públicas. A leitura é válida, instigante e calorosa, todos os profissionais e alunos da área de comunicação (sobretudo os de Relações Públicas) devem mergulhar profundamente na obra em questão. O autor se preocupa cuidadosamente de contextualizar os enfoques teóricos da área de Relações públicas com as diversas correntes teóricas, como a escola Crítica de Frankfurt, a escola de Palo Alto – funcionalista, entre outras.

O livro é dividido em três capítulos, no primeiro capítulo o autor aborda questões que se relacionam com panorama crítico da comunicação. No segundo capítulo, o autor busca evidenciar as teorias em Relações Públicas e, por fim, no terceiro capítulo, Takeshi busca relativizar as teorias de comunicação com as de Relações Públicas, evidenciando a influência que as teorias de comunicação exercem sobre os enfoques teóricos abordados pelos autores de Relações Públicas.

No primeiro capítulo, Panorama das Teorias de Comunicação, o autor busca apresentar os estudos de dois autores, Nery e Temer (2009), pois consideram que esses autores compilam as teorias, de modo a facilitar a compreensão para o leitor. Takeshi, inicialmente, busca questionar a falta de consenso com relação às teorias de comunicação, para isso o autor apresenta uma pesquisa realizada por Martino (2008), que constatou, por meio da análise de 11 livros sobre teorias de comunicação, a falta de

---

<sup>1</sup>Graduando em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba. Aluno Especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB. Integrante do grupo de pesquisa Modernização Tecnológica e Desenvolvimento Social, um estudo das mídias digitais e empoderamento coletivo. E-mail: irleydavid@gmail.com

consenso, identificando que os autores dos livros abordam as Teorias de Comunicação de forma distinta uns dos outros. Isso, para o autor, revela o dissenso que há nas teorias de comunicação, colocando em questão a sua existência.

O autor acredita que a falta de consenso das teorias de comunicação se deve, em parte, aos programas de pós-graduação em comunicação, pois ele afirma que não há uma disciplina específica que busque ensinar aos alunos o que é uma teoria e como construí-la (métodos adequados para a construção de uma teoria). O autor ainda busca distinguir teorias de estudo de caso (ligado à prática), entres outros, bem como ensinar o passo a passo de como construir uma teoria.

O autor, ainda no primeiro capítulo, apresenta diversos enfoques que deram origem às teorias de comunicação, como a Escola de Chicago, cuja representação se dá através dos estudos do interacionismo simbólico; a Escola Americana Positivista, que estuda as influências e os efeitos dos meios de comunicação de massa; a Escola de Palo Alto e, por fim, a Teoria da Agenda.

Nota-se que o autor buscou separar o joio do trigo, isto é, apresentar as teorias de modo isolado, separando o pensamento funcionalista do pensamento crítico.

Para discutir o paradigma das teorias críticas na Comunicação, o autor busca apresentar a Escola de Frankfurt (Adorno, Benjamim, Marcuse etc.), que tem por objetivo estudar os aspectos negativos que os meios de comunicação de massa exercem sobre a sociedade; a Espiral do Silêncio; e, por fim, a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. Para o autor, embora Habermas pertença a Escola de Frankfurt, vê-se que o autor, em seus escritos, adota um pensamento positivista com relação aos meios de comunicação, pois acredita que a comunicação pode ser utilizada para transformar a sociedade, distanciando-se, portanto do pensamento crítico da Escola de Frankfurt.

No segundo Capítulo, o autor evidencia as Teorias em Relações Públicas, de modo a apresentar os principais autores de Relações Públicas e suas principais contribuições para o desenvolvimento da área. Inicia apresentando Grunig, autor de renome internacional e seus estudos influenciam o mundo todo, inclusive os estudos desse autor servem de base para os estudos brasileiros. Em seguida o autor apresenta os principais autores brasileiros, como Cândido Teobaldo, Fábio França, Círcia Peruzzo, Porto Simões e Margarida Kunsh.

Para Takeshi, com base em Kunsh (2003), as contribuições brasileiras mais representativas para a área são: os estudos desenvolvidos pelo Prof. Cândido Teobaldo de Souza Andrade, sobretudo a sua obra sobre os fundamentos psicossociológicos e o interesse público (1989); os estudos do Prof. Roberto Porto Simões e a sua proposta teórica de visualizar as Relações Públicas como uma função política (1995, 2001); a questão das Relações Públicas no modo de produção capitalista desenvolvido pela Profa. Cicilia Khroling Peruzzo (1986); o trabalho de Relações Públicas com ênfase na visão estratégica e na perspectiva da comunicação integrada, desenvolvido pela Profa. Margarida Maria Khroling Kunsch (1997, 2003); e na recente proposta das Relações Públicas na gestão dos relacionamentos, por meio da conceituação lógica dos públicos, proposto pelo Prof. Fábio França (2004).

O autor no decorrer do segundo capítulo busca trabalhar de forma minuciosa as obras dos autores brasileiros na área de Relações Públicas.

No terceiro e último capítulo, o autor busca aproximar os estudos teóricos de Relações Públicas das teorias em comunicação. Para isso, o autor busca analisar cada uma das principais obras em Relações Públicas, cujas obras residem nos autores já mencionados acima: Cândido Teobaldo de Souza Andrade, Roberto Porto Simões, Cicilia Maria Krohling Peruzzo, Margarida Maria Krohling Kunsch e Fábio França.

A ideia do autor, pelo que aparenta, é indicar relação de semelhança entre as teorias de comunicação e as correntes de pensamentos das teorias de comunicação, a crítica e a funcionalista.

A primeira obra analisada é a do autor Cândido Teobaldo, cujo título é *Psicossociologia das Relações Públicas* (1989).

O primeiro aspecto, segundo Takeshi, que conecta a obra de Teobaldo com as Teorias de Comunicação são as bibliografias e referências utilizada pelo autor, como: de Bertrand R. Canfield, Harwood L. Childs, Samuel H. Jameson, Scott Cutlip e Allen H. Center. O autor nos diz que todos esses autores têm em seus textos uma influência funcionalista, norte-americana, sendo em geral esses trabalhos grandes manuais que explicam a prática das Relações Públicas dentro de uma posição meramente instrumental ao sinalizar o passo a passo da atividade.

Com relação às teorias de comunicação, o autor assinala que o Prof. Teobaldo se utiliza em especial do teórico Wilbur Schramm, cujo trabalho em geral está associado à

linha de pesquisa da *Mass Communication Research*, portanto funcionalista. Outro autor referencial no trabalho é o sociólogo Herbert Blumer, ligado aos estudos da Escola de Chicago (Universidade de Chicago), que neste trabalho se insere dentro do paradigma funcionalista.

A segunda obra analisada é a de Círcia Peruzzo, *Relações Públicas no modo de produção capitalista* (1986). Takeshi afirma que a obra da autora em questão tem influência da corrente crítica da Escola de Frankfurt e (do marxismo), cujas referências da primeira são Adorno, Habermas, Benjamim, Marcuse etc., para o autor a única obra que se distancia do paradigma funcionalista é a de Peruzzo, visto que ela faz uma crítica ao discurso de que os *Relações Públicas* se dizem promover o bem-estar social e a igualdade nas relações sociais numa sociedade marcada por profundas diferenças de classe. Tratam os interesses privados como sendo interesses comuns de toda a sociedade, escondendo que esses interesses são comuns à sociedade que detém o controle econômico, social, cultural político da sociedade. Em suma, elas contribuem para camuflar os conflitos de classe e educar a sociedade na direção ideológica burguesa para preservar a dominação do capital sobre o trabalho (Pg. 70).

A próxima obra é a de Fábio França, *Públicos: como identificá-los em uma nova visão estratégica* (2004). O autor liga a obra de França ao pensamento funcionalista, uma vez que França busca explicar o passo a passo para identificar os públicos.

Por último, o autor analisa a obra de Kunsh e Simões, *Relações Públicas com ênfase na visão estratégica e na perspectiva da comunicação integrada* (1997, 2003) e *Relações Públicas como uma função política* (1995, 2001).

Na proposta de estudo de Kunsh, o autor percebe que ela se utiliza de vários autores para construir a sua tese, autores como: Grunig, Cutlip, Dozier, Heath, Kunsch, Andrade, Simões, Torquato; na área de administração e planejamento nota-se Chanlat, Etzioni, Mintzberg, Ackoff e Oliveira.

O autor ainda afirma que alguns dos principais conceitos utilizados em Kunsh são: subsistema, sistema, função, estratégia, informação, administração, comunicação, *Relações Públicas*. Em especial o conceito de função, estratégica e comunicação integrada são os mais recorrentes, devido especialmente pela sua proposta de valorizar a ação estratégica da área, dentro do trabalho integrado no composto da comunicação.

No caso de Simões, o autor verifica que a atividade de Relações Públicas é entendida como função política, por outro, a proposta de Kunsch indica a necessidade do planejamento de Relações Públicas. Em ambos os casos, pode-se ver que os autores estudam as Relações Públicas com o objetivo da manutenção do sistema empresa/públicos.

Os dois autores quando aproximados das teorias da comunicação demonstram a sua orientação teórica muito ligada à teoria funcionalista. “O funcionalismo pode ser definido como uma corrente de fundamentação do pensamento sociológico para a qual os processos de ação social se estruturam em sistemas, que procuram reduzir as tensões do mundo, da vida e manter equilibrado o funcionamento da sociedade” (Pg. 80)..

Conclui-se que a obra é pertinente, sobretudo para o campo de Relações Públicas. Poucos autores ou quase nenhum, pelo menos no Brasil, realizam pesquisas focalizando problematizar a influência do pensamento funcionalista e crítico nas teorias de Relações Públicas. Fazer essa relação contextual é importante tanto para o curso de Relações Públicas nas diversas instituições de ensino quanto para os discentes, pois estes acabam por ver de forma breve as teorias de comunicação, já que as teorias, sejam funcionalistas ou críticas, acabam privilegiando os estudos dos meios de comunicação de massa, como a TV e a Rádio. Não que os Relações Públicas não estudem os meios de comunicação de massa, mas, querendo ou não, os discentes do curso de Jornalismo e de TV e Rádio acabam sendo privilegiados já que o foco maior deles recaem sobre os meios massivos (e são neles que as teorias críticas e funcionalistas focam), enquanto os Relações Públicas privilegiam-se dos estudos da comunicação dirigida, como Jornal Mural, Boletim informativo etc.